



Raquel Ribeiro

O coração do mundo bate aqui

Na III edição do Alkantara, que começou sexta-feira em Lisboa e no Porto, as pessoas reais são a matéria-prima do palco. Do Cairo a Buenos Aires, dos imigrantes chineses em Amesterdão aos idosos num centro de dia de Lisboa, o festival conta-nos histórias que ainda não ouvimos e fala línguas que não entendemos. Um soco de realidade, até 9 de Junho.

Vamos tratar-nos pelo primeiro nome porque está é uma relação de iguais. Maria tem a voz cristalina e colocada como só as locutoras de rádio conseguem ter, mesmo aos 77 anos. Nesta emissão da Rádio Moxico, gravada no Centro Social da Sé, em Lisboa, Maria apresentará discos pedidos e leituras de cartas de soldados às suas madrinhas de guerra. Gonçalo pede-lhe para ler como se estivesse "lá, na rádio Moxico - afinal, a Maria é a locutora favorita dos nossos ouvintes". O "jingle" é o genérico da série "Bonanza", e, quando a música sobe no ar, Natalina, 80 anos, e Otilia, 77, estalam os dedos em silêncio e encolhem os ombros ao ritmo do trote dos cavalos da família Cartwright. Por momentos, apesar de estamos num edifício no centro da cidade com Tejo em fundo, também estamos no Oeste Americano, e no Moxico, uma das mais remotas regiões de Angola, a Norte das terras do fim do mundo.

Apesar de não haver sobrenomes, as idades são relevantes. Gonçalo tem idade (33) para ser neto de Maria. Assim como as Anas, a Susana, a Raquel, o Frederico, o Pedro, a Íris e o Romeu têm idade para ser netos de Otilia, Natalina, Joaquim, Germano, Helena, Eugénia e Emília. No entanto, a relação que aqui, no Centro Social da Sé, se estabeleceu entre estes jovens (artistas, criadores) e estes idosos

(reformados de um qualquer passado) vai para além das idades que os definem e das vidas que os separam. Juntos, trabalham (alguns desde Julho de 2009) para criar "Centro de Dia", um dos espectáculos da terceira edição do Alcantara Festival, que começa hoje em Lisboa (este ano com uma extensão ao Porto) e se prolonga até 9 de Junho.

Gonçalo explica, sem querer estragar a surpresa da estreia, que "Centro de Dia" é um projecto da Dona Vlassova, "senhora com mais de 50 anos, que gosta de se divertir em festas, e de estar com amigos de várias idades". Vlassova convidou este grupo de artistas para trabalhar "num projecto que envolvesse uma comunidade", continua Gonçalo. À partida, este poderia parecer um espectáculo sobre a terceira idade, uma vez que boa parte do elenco é constituída pelos idosos acima mencionados - e outros que se lhes queiram juntar. Mas, diz Gonçalo, "é também um espectáculo sobre uma instituição de acolhimento, sobre o Portugal dos últimos 40 anos": "Um espectáculo sobre nós próprios, que chegámos aqui e nos deparámos com aquilo que se costuma dizer que é o processo artístico normal de um documentarista, ou que trabalha perto do documental".

Um olhar documental sobre as pessoas reais é, admite Thomas Walgrave, director do festival, uma das características da criação contemporânea, e das artes performativas, em particular. "Há uma tendência mais para a realidade do que para a ficção." Mas é também uma das singularidades do Alcantara. Muitos destes espectáculos mostram-nos que as pessoas reais têm algo de especial. Contam-nos histórias que ainda não ouvimos. Falam línguas que não entendemos. E esperam de nós, audiência, o desconforto próprio de quem acabou de levar um soco de crua realidade (Walgrave irá explicar em breve onde reside a beleza de tudo isto). Estes espectáculos "trazem-nos uma realidade que normalmente não vemos e que não faz parte das notícias, da visão quadrada do mundo às oito da noite, que é, no fundo, a nossa porção de realidade do dia: estas pessoas não chegam lá."

A programação deste ano tem tudo para fazer justiça ao slogan "mundos em palco", que é a assinatura do festival. Tem "muezzin" do Cairo ("Radio Muezzin"), idosos de um centro de dia na Sé lisboeta ("Centro de Dia"), imigrantes chineses em Amesterdão ("C'est du Chinois"), uma empregada doméstica uruguaia em Buenos Aires ("Una Obra Útil"), habitantes de Moscovo ("Moscow"), a pobreza africana vista por um holandês ("Enjoy Poverty"), prostitutas de Leste presas em camiões ("Hard to Be a God"), empregadas domésticas indonésias treinadas para serem enviadas para os quatro cantos do mundo (o tríptico "To Serve").

Tem tudo isto, com e sem legendas. É aqui que o diálogo se torna importante: "Estes espectáculos fazem uma reflexão sobre o nosso lugar no mundo. São essencialmente sobre nós, mas sobre a nossa posição num diálogo", diz Walgrave.

Documentário em palco

No Centro Social da Sé, nova emissão da Rádio Moxico. Hoje, Romeu é o moderador do programa "Política do Centro". Fala-se da comida (a sopa tem muita farinha), da utilidade de um centro de enfermagem ("Eu caí aqui, faz sentido fazer aqui a fisioterapia", diz Otília), do convívio (ou da falta dele), da reforma que não chega até ao fim do mês porque fica quase toda na farmácia. Eugénia canta marchas populares. Maria faz as hostes de radialista. Na parede, há um mapa de Lisboa e um mapa de Portugal com pioneses presos a cada uma das fotografias destes idosos. Na outra parede, um poster mostra o debate de ideias e percebe-se como se chegou até "Centro de Dia". Gonçalo reconstitui: "Não queremos fazer um documentário, queremos procurar colaboradores que nos ajudem a reflectir sobre uma série de premissas, como as que estão expostas na parede - a questão do outro, o colonialismo, a sexualidade, materializados em ícones como o Tarzan, que é do tempo deles." Tarzan é o "nome de código" deste grupo que, diz Frederico, é "o grupo mais punk de todos: só faz o que lhe apetece quando lhe apetece". O objectivo era pensar "os afectos e a sexualidade, na terceira idade, ver o que é uma zona de exclusão, um lar ou um centro de dia, e como funciona a relação entre as pessoas nesses sítios", acrescenta Gonçalo. Chegaram a uma reflexão sobre o próprio tempo, continua Susana: "Tanto sobre o nosso tempo aqui, há já quase um ano, como sobre o tempo do espectáculo em si; mas também sobre o tempo do jovem e o do velho. São vários tempos e o cruzamento desses tempos todos."

Passa-se por muitos processos para se chegar até aqui. Mas, em quase todos, o resultado é este: o documentário sobe ao palco.

Pela primeira vez, o Alkantara vai mostrar um filme: "Enjoy Poverty", do holandês Renzo Martens. Martens mostra de forma crua como a pobreza é a matéria-prima mais exportada de África e que, tal como no caso dos outros bens (ouro, borracha, cacau ou petróleo), os africanos não beneficiam da sua exportação. Para o director do festival, este documentário está no Alkantara porque "encaixa muito dificilmente noutra contexto, como o de um festival de documentário, por exemplo. É mesmo uma coisa marginal entre o documentário e um artista que faz uma obra sobre si próprio". Walgrave explica como o filme estabelece uma relação entre nós e o "outro", analisando o "condicionamento do nosso olhar" através da forma como Martens "se coloca no filme, questionando o papel do artista, que aqui é profundamente politicamente incorrecto".

Esse diálogo entre o "nós" (jovens, brancos, ocidentais, ricos) e o "outro" (idosos, negros, orientais, pobres) reflecte o carácter contemporâneo do Alkantara: "Esta ideia de contemporaneidade não é uma coisa exclusivamente ocidental. Este é o erro que sempre fizemos com outras culturas: assumimos que nós temos a evolução e que os outros têm a tradição", diz Walgrave. O festival quer, também, estabelecer pontes para uma compreensão do outro "nestes tempos turbulentos". Nesse sentido, o Alkantara é um festival "perto da batida do coração do mundo".

Mais perto da batida do coração do mundo muçulmano, por exemplo. Stefan Kaegi, dos Rimini Protokoll, abre hoje o festival com "Radio Muezzin", em que quatro "muezzin" do Cairo (e um especialista em rádio) contam o seu dia-a-dia. Kaegi diz que a estratégia de usar pessoas reais não serve para pensar sobre si próprio: "Estou apenas a tentar abrir uma janela, para todos nós vermos o que está a acontecer lá fora." Conta como os seus "muezzin" lhe permitem "narrar o Cairo e dar aos europeus uma ideia mais complexa do Médio Oriente do que as típicas imagens de terroristas que estamos habituados a ver na televisão ocidental". Daí que o criador suíço diga que não tem apenas uma posição sobre o Islão: "Tenho, pelo menos, cinco posições - as dos meus cinco protagonistas."

Este tipo de trabalho documental agora exposto no festival é feito em íntima e continuada proximidade entre criadores e pessoas reais. Nos primeiros tempos de imersão no Centro de Dia da Sé, o grupo estava "constantemente a traçar uma fronteira entre nós e eles", explica Frederico. Mas, após meses de trabalho, "consegue-se uma relação horizontal com as pessoas": "Sabemos perfeitamente quem somos e eles sabem perfeitamente quem são; sabemos que nos separam décadas e vidas completamente diferentes". As fronteiras entre o "nós" e o "outro" diluem-se. Tal como também se torna ténue a linha que separa a realidade da ficção. Kaegi diz que a sua intenção não é separá-las, pelo contrário: "A realidade aumentada torna-se ficção."

Os bastidores do mundo

Numa tenda, seis telas acompanham outros tantos protagonistas. Moscovo é um circo, fogueira das vaidades de gritantes contrastes resultantes do "boom" económico, caleidoscópio de cores, miséria escondida nos bastidores. Esta é a Moscovo do colectivo belga Berlin. "Moscow" é a quarta parte de uma série de trabalhos dos Berlin sobre cidades (Jerusalém, Iqaluit, Bonanza foram as anteriores). "A cidade é o nosso próprio texto e as pessoas são as personagens", diz um dos criadores, Yves Degryse. Os Berlin encontraram em Moscovo uma certa aura de decadência nos antigos circos que ainda funcionam sem quaisquer condições. "E ao mesmo tempo, 'circo' é a melhor tradução do que hoje se passa naquela cidade." Não se trata de dar a ver a verdadeira imagem da capital russa, porque "a função do artista não é contar a verdade", diz Degryse. "Aqui temos seis ecrãs a contar a verdade em simultâneo. Eles falam por si mesmos. Quando se ouvem todas estas opiniões, a audiência cria a ideia da cidade. Ao mesmo tempo, as diferentes opiniões não têm de concordar entre si. A ideia de fidelidade a uma verdade tem mais a ver com a ideia de fidelidade a ti próprio."

Esta multiplicação de perspectivas acontece também em "C'est du Chinois", de Edit Kaldor. Cinco elementos de uma família chinesa falam das suas vidas, da forma esperançosa como vieram para a Europa, das diferenças entre a Holanda e a China. Em mandarim, sem legendas. No final, a audiência vai acabar por aprender 50 palavras em mandarim, essenciais para a compreensão do espectáculo.

Uma vez mais, a ideia é "esta história ser verdade para alguém", diz Kaldor, explicando como esta performance é mais uma forma de reflectir sobre si mesma do que de ajudar uma audiência a aprender mandarim. Kaldor nasceu na Hungria, mas emigrou quando era adolescente para os Estados Unidos. Hoje vive na Holanda. "Não tenho uma língua-mãe. Quase não sei húngaro, o meu inglês é para aí 80

por cento e falo muito mal holandês. Passei grande parte da minha vida em situações em que não falava nenhuma língua. Por isso, observava. Quando não falamos uma língua, absorvemos as coisas de maneira diferente." Neste sentido, ainda que falada em mandarim, "C'est du Chinois" é uma obra profundamente autobiográfica de uma criadora húngara. Kaldor diz que o seu objectivo era "criar uma experiência semântica do mundo". Porque quando estamos sempre na mesma língua "aceitamos tudo como um dado adquirido, nunca temos de confrontar-nos com a impossibilidade de comunicação".

Um teatro útil

Pensar o monolinguismo do outro é mais do que pensar a utilidade da linguagem. Cada um dos cinco chineses em palco terá de encontrar uma forma de representar uma palavra (um objecto, um sentimento). Ao mesmo tempo, essa é também a função do teatro, "encontrar uma representação", diz Kaldor.

A perspectiva documental em Kaldor, contudo, permite-lhe quebrar o contrato pré-estabelecido pelo teatro com a audiência. O seu trabalho "cria um desconforto ou uma insegurança suficientes para fazer a audiência reagir e questionar". A criadora afirma que está mais interessada em "dizer algo do que em dirigir-[se] a alguém", e nesse sentido o teatro "é um gatilho" para que o espectador possa "projectar-se".

E assim se chega à questão da "utilidade" do teatro, da necessidade de dar voz àqueles que raramente são ouvidos, os silenciosos, os "outros", os que, por estarem afastados dos círculos do poder, não chegam ao telejornal ou ao "palco", aqui lido como metáfora de exposição mediática. No espectáculo "Una Obra Útil", o argentino Gerardo Naumann utiliza 25 figurantes para compor a história de Carina, jovem uruguaia que emigrou para Buenos Aires e aí se tornou empregada doméstica. Em palco estão o próprio Naumann, um assistente, dois actores, e os figurantes, que mudam todas as noites. Por isso, a obra é sempre diferente: "Não tem diques de contenção. É perigosa, cheia de risco", explica Naumann. Por vezes os figurantes perguntam: "Qual é a minha posição?" Não importa, diz o encenador: "O palco não é lugar para estar agarrado a algo fixo. Gosto que as coisas tenham vida e mudem de estado. Por isso, gosto de fábricas: são lugares onde os objectos mudam de forma veloz. De manhã entra a matéria-prima e, em duas ou três horas, saem automóveis."

Naumann encontrou o diário íntimo de Carina na rua. A peça é a história, muito fragmentada, da jovem uruguaia que passou tempos difíceis em Buenos Aires como empregada doméstica (um tipo social que, neste Alcantara, ganha relevo também noutra espectáculo, o tríptico "To Serve", de Simone Aughterlony e Jorge León). "Os figurantes são úteis para pensar o problema do trabalho, uma vez que os empregados domésticos também são como figurantes na nossa vida", sublinha o criador. Além do diário de Carina, a peça é também o "work in progress" de Naumann a tentar chegar a uma ideia para um filme através de uma peça de teatro. Esta é a verdadeira utilidade da obra: "Também estou a trabalhar ali, porque quero fazer um filme e este trabalho é pensar o projecto. Os actores actuam, os figurantes estão integrados e fazem o que lhes dizemos. Tudo tem a forma de algo em processo, não está resolvido, não há um produto final. O produto final seria o filme, que não está feito. Estes são os processos úteis para chegar a outras coisas. A obra reflecte o meu próprio processo de criação."

Mas a obra reflecte também a utilidade do teatro e, neste sentido, "útil" é uma palavra com que Naumann gosta de jogar. Como Kaldor, quer pôr o espectador num lugar de desconforto e, através do real, questionar a sua própria condição. "O teatro, em geral, resiste à mudança. Faz muita força para anular o real, para o deixar lá fora: fecha as portas, isola o som, põe cortinas, maquilha o actor, veste-o, dá-lhe um texto para decorar. Por mim, deixo as portas abertas, faço obras no espaço público, gosto de não resistir ao real que se manifesta, dando-lhe, de algum modo, continuidade. Quero resistir ao teatro como artifício", explica.

Apesar deste mundo de idosos esquecidos num centro de dia, de imigrantes ilegais, de prostitutas raptadas, de escravos modernos, de empregadas domésticas sem nome, de africanos pobres à mercê da exploração, ou de meros figurantes de teatro - apesar de tudo isto, conclui Walgrave, muitos criadores "continuam a procurar a beleza": A beleza não tem de ter uma função, não precisa de explicação: é uma forma de consolo, um escape, uma fuga. Isso é que é fascinante."

Talvez a beleza seja isto: no Centro de Dia da Sé, Maria, ainda na sua voz cristalina de radialista, aos 77 anos, a dizer que "os que ficam para o fim ficam sós": "Não tenho família, os amigos já morreram. Hoje sou uma mulher muito só. Mas isso não me preocupa muito porque tenho o espírito livre."

Radio Muezzin

De Stefan Kaegi.

Pelos Rimini Protokoll.

Encenação de Stefan Kaegi

Lisboa. São Luiz Teatro Municipal. R. António Maria Cardoso, 38. De 21/05 a 22/05. 6ª e Sáb. às 21h. Tel.: 213257650. 5€ a 12€.

Porto. Teatro Carlos Alberto. R. Oliveiras, 43. De 26/05 a 27/05. 4ª e 5ª às 21h30. Tel.: 223401905. 5€ a 15€.

Prosseguindo uma linha próxima do teatro documental, esta pequena peça assinada por um dos elementos do colectivo suíço Rimini Protokoll, Stefan Kaegi, explora o impacto do progresso na vida dos "muezzin", responsáveis pelas orações transmitidas pelos altifalantes das cidades muçulmanas. A sua substituição por gravações e a uniformização da mensagem, contrariando uma prática de décadas, degrada o grau de proximidade dos fiéis com as suas mesquitas. Kaegi, num gesto de humildade que não deixa de ser fascínio ocidental, coloca em cena quatro homens e quatro visões de um mundo pleno de regras. Peça exploratória e sensível, impressiona pela clareza, pela sugestão de pistas de reflexão e pelo modo como cria pontes entre a presença da fé e a sua resistência, e capacidade de adaptação, à vida moderna. Tiago Bartolomeu Costa

Centro de Dia

De Dona Vlassova & Guests.

Encenação de Gonçalo Amorim.

Lisboa. Centro Social da Sé. R. S. Mamede ao Caldas, 19. De 27/05 a 1/06 (excepto dias 29 e 30). 5ª, 6ª, 2ª e 3ª, das 10h às 17h (Dia) e às 19h (Noite).

Dona Vlassova and guests estão a trabalhar desde Setembro de 2009 com velhotes do Centro Social da Sé para apresentar um espectáculo dividido em duas partes: o dia e a noite. O dia é uma experiência continuada, de entrada livre, em que se pode ter um contacto directo com o funcionamento do centro. A noite é o resultado da reflexão performativa dos artistas sobre o tempo que lá passaram, sobre a cidade que existe e a que não existe, a partir de temas como a afectividade, o convívio, o sexo e os tempos. R. R.

Episode III - Enjoy Poverty

De Renzo Martens.

Lisboa. Maria Matos Teatro Municipal. Av. Frei Miguel Contreiras, 52. De 29/05 a 30/05. Sáb. e Dom. às 17h. Tel.: 218438801. 5€.

Renzo Martens é um artista implicado, adjectivo explorado à náusea quando se quer mostrar um engajamento politicamente correcto. Não é o caso deste filme, pungente retrato da exploração artística da miséria humana que, ao mostrar um tema (a guerra e a fome), está a dirigir-se a outro (a estética da miséria). Uma abordagem sem pudores aos mecanismos de distanciação provocados pela globalização, pela arte social e pelo lucro que daí advém. Mais inquiridor do que inquisidor, Martens traça um implacável destino para aquilo a que gostamos de chamar multicultural. T.B.C.

Moscow

Pelos Berlin.

Lisboa. Terreiro das Missas (Belém). De 24/05 a 26/05. Dom. e 3ª às 19h; 2ª e 4ª às 21h.

Depois de "Bonanza" (Alkantara 2008), os Berlin apresentam uma viagem ao mistério russo, não sem ironia. Não é a Moscovo dos czares que ali está, mas a cidade que, sendo Europa, se distancia dela pela austeridade e resiliência dos seus habitantes. Mais interessado em perguntar e ver do que em responder e organizar dramaturgicamente um território, "Moscow" ultrapassa o mero retrato de uma cidade. É também uma viagem sensorial a um universo que tem tanto de fascinante como de absurdo, da abjecção pela política às pessoas, as ruas, o vodka e a música e a política. T.B.C.

C'est du Chinois

De Edit Kaldor.

Lisboa. Maria Matos Teatro Municipal. Av. Frei Miguel Contreiras, 52. De 03/06 a 05/06. 5ª a Sáb. às 19h. Tel.: 218438801. 5€ a 12€.

Edith Kaldor explora a capacidade elástica dos artificios teatrais num espectáculo em mandarim e sem legendas. As possibilidades de construir e passar uma mensagem são aqui usadas para explorar o modo como identificamos o corpo do outro, quando o outro se expõe sem filtros. Necessariamente documental, é uma obra em permanente risco, quer pela sua premissa dramática (uns chineses iguais a nós, mas menos iguais pela língua que falam, e à qual não temos acesso), quer pela sua falsidade teatral (a ficção existe imediatamente porque estão num palco?). T.B.C.

Una Obra Útil

De Gerardo Naumann.

Lisboa. Junta de Freguesia de Santos-o-Velho (Ginásio). R. Esperança, 49. De 22/05 a 25/05. Sáb. a 3ª às 19h.

A ideia de que a vida pode ser arte, se para isso tiver os meios necessários, está na base desta peça inspirada num diário de uma empregada doméstica perdida de amores, comprado na rua (uma história banal, como são banais muitas das histórias que o teatro conta). Multidisciplinar, é uma peça que coloca em causa o próprio processo dramático, desmontando os mecanismos de construção de uma história. Gerardo Naumann desafia, mais do que as convenções teatrais, o modo como elas se interligam com a sociedade. T.B.C.

To Serve

De Simone Aughterlony e Jorge León.

Deserve

Lisboa. Maria Matos Teatro Municipal. Av. Frei Miguel Contreiras, 52. De 08/06 a 09/06. 3ª às 21h. 4ª às 19h. Tel.: 218438801. 5€ a 12€. Vous Êtes Servis Lisboa. Cinema São Jorge. Av. da Liberdade, 175. De 04/06 a 06/06. 6ª a Dom. às 17h. Tel.: 213103400.

House Without a Maid

Lisboa. Fundação Medeiros e Almeida. Av. Frei Miguel Contreiras, 52. De 03/06 a 06/06. 5ª a Dom. das 15h às 20h.

Obra multidisciplinar que se divide em três (filme, instalação, palco), o projecto "To Serve" traz para o plano da narrativa teatral a ausência de "pathos" na vida das empregadas domésticas. Poderia ser uma variação de romances clássicos, se os autores não insistissem numa exploração miserabilista das figuras que convocam e na curiosidade mórbida em relação à vida dos outros, fruto da convicção de que o voyeurismo é a condição essencial para conhecermos melhor o outro. T.B.C.